

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assinatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 171	REDAÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porto, moeda forte)	35800	18900	5950	5120	21 DE SETEMBRO 1883	LISBOA, RUA DO LOBETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possessões ultramarinas, (idem).....	48000	24000	-	-		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Estrangeiro (união geral dos correios)	56000	28000	-	-		
Brasil (moeda fraca).....	156000	78000	-	-		

CHRONICA OCCIDENTAL

Não fazíamos uma phrase d'effeito nem um exagero humoristico de chronica, quando ha semanas dissemos que o Limoeiro não era uma cadeia, era uma officina do crime.

Os factos encarregaram-se de ir pouco a pouco demonstrando a verdade do que diziamos, e hoje então mostram plenamente, completamente que a nossa phrase era a nimia expressão da verdade.

É realmente assombroso o que se está passando n'aquella cadeia, excede tudo o que a veia sarcastica de qualquer poeta burlesco possa imaginar para um libretto d'opera buffa, e todos os carceres extraordinarios das phantasias comicas de Meilhac, de Halevy, de Bisson, ficam a perder de vista ao pé do nosso Limoeiro!

O que vem a ser o humide cachot da *Perichole*, a prisão extravagante da *Voyage d'agrement*, ao pé do quarto do *Pera de Satanaz*?

Até agora as façanhas d'este cavalleiro habilissimo, as aventuras do seu digno collaborador, o Mineiro, eram já de primeira ordem, e mostravam eloquentemente como estas coisas de cadeias e de penalidades eram tratadas entre nós: a ultima descoberta feita no Limoeiro, agora, ha tres dias, excede tudo quanto o noticiario até então contava, e cremos que em frente d'ella os poderes publicos não poderão continuar a ficar de braços crusados como até aqui.

E d'ahi é muito possivel que continuem. As surpresas d'este genero, no nosso paiz são inexgotaveis, e por isso já não surpreendem ninguém.

Vamos contar a historia simplesmente, mesmo porque qualquer commentario intercalado no texto, prejudicaria na sua forte eloquencia.

Pera de Satanaz & Mineiro — é uma

firma criminal já muito conhecida nos nossos tribunales e muito respeitada entre a gaturagem numerosa de Lisboa.

Excessivamente trabalhadora, fertil em expedientes de roubar o proximo, *de nada se arreia* como o justo da oratoria do sr. Braz Martins, e sem levar como elle a *vida pela virtude medida*, leva a existencia pela pantominice occupada, mesmo dentro dos ferros d'el-rei.

Para esses incansaveis larapios o estarem presos ou soltos, vem a ser a mesma coisa: pelo

contrario, parece que até é mesmo melhor o estarem presos, porque vivem em collaboração permanente, sem preoccupações de serem filados pela policia, sem as tentações da ociosidade, que dá a vida livre. Ali, encerrados, sem terem que pensar em passeios, nem em divertimentos, nem na renda da casa e no pão nosso de cada dia, dedicam-se completamente, inteiramente ao trabalho para que os chamam as suas vocações, a sua amisade, e as suas aptidões que se casam melhor que muitos casaes cá por fóra.

O *Pera de Satanaz* e o *Mineiro* nasceram um para o outro, são duas metades que se encontraram e que formam um todo completo e harmonico.

No Limoeiro comprehendem a alliança sagrada d'estas duas creaturas feitas uma para a outra, e não se atreveram a desmanchal-a, como ninguém de bom coração se atreve a desligar dois pombos docemente acasalados.

D'ali uma ninhada de filhos, d'esse enlace auspicioso do moedeiro falso com o falsificador de letras, uma serie enorme de gatunices, que saem do Limoeiro com a abundancia successiva com que saem coelhos pequenos d'uma coelheira habitada por um casal fertil: e a policia a matal-os, e elles a sairem, a reproduzirem-se incessantemente, enormemente, como barata em casa velha.

E já longa a lista dos fructos produzidos por essa firma tão acreditada no descredito, uns tem sido esmagados ao nascer, outros, Deus sabe quantos, teem corrido o mundo, mas os dois gemeos recém-nascidos agora, é que são o assombro da capital, apesar de ser já difficil o assombro com as façanhas do *Pera de Satanaz*, do *Mineiro* e da nossa cadeia.

D'esta vez trans-tornou o plano dos habeis fabricantes de gatunices o metterem no seu negocio, um terceiro que



D. GASPAR NUÑEZ DE ARCE (Segundo uma photographia de Hebert)

abusou da sua confiança. O Pera de Satanaz, n'um dos intervallos do seu fabrico de moeda falsa, para variar de trabalho, para se distrahir, para dar que fazer ao seu socio elaborou com o Mineiro a seguinte carta, dirigida ao sr. Antonio Augusto dos Santos, secretario do Montepio Geral.

«Meu prezadissimo amigo.
«Tendo de partir sem demora para Serpa necessario da quantia de 180\$000 réis e por isso tomo a liberdade de o importunar por esta até á minha volta. Mas caso necessite d'ella em antes, rogo o favor de descontar no banco Commercial, a inclusa letra do meu aceite.
«Confessando-me grato a tantos obsequios sou

Att.^o ven.^o e obr.^o

João A. da Silva Queiroga.»

Junto da carta cuja letra era a do sr. Queiroga imitada perfeitamente pelo Mineiro, ia a tal letra inclusa, tambem feita com todo o esmero e perfeição.

Mas no fim de contas nem tudo são rosas na vida, e no Limoeiro.

Lá dentro na cadeia, está-se muito bem, muito socegado, na nobre arte do crime, mas chega um momento em que para certos trabalhinhos faz uma falta do demonio, não se pôder andar cá por fóra.

O Pera de Satanaz e o seu digno consocio, o Mineiro, sentiram esta falta.

Para a remediar não tiveram remedio senão recorrer a um confrade, o Joaquim Soares dos Santos, o cocheiro.

Ahi é que elles se estabeleceram. Fizeram muito bem a carta, fizeram muito bem a letra, mas fizeram muito mal a escolha do seu terceiro socio.

E pela simples razão de que o cocheiro já sabe o que é o Limoeiro, não tem o fogo sagrado da gatunice, e não quer para lá voltar.

E o cocheiro em vez de levar a carta ao sr. Antonio Augusto dos Santos, levou-a ao sr. Moraes Sarmiento: entre o monte-pio geral e o commissariado geral optou por este, e quando Pera de Satanaz & Mineiro esperavam os 180\$000 réis entrou-lhes pelo quarto dentro a policia.

N'esse quarto porém é que estava a grande surpresa; n'esse quarto pertencente ao Pera de Satanaz que está condemnado por moedeiro falso, e depois da condemnação tem rescindido tres ou quatro vezes no mesmo crime, n'esse quarto a policia encontrou uma verdadeira officina de moeda, formas, metal para derreter, limas, etc., etc., todos os instrumentos necessarios para trabalhar em grosso n'essa honrosa industria de fazer dinheiro. E ao mesmo tempo que via estupefacta essa bella fabrica de moeda falsa, dentro da cadeia do Limoeiro, a policia ouvia os seguintes promenores:

Que a moeda que se fabricava ali mais era a moeda de cinco tostões porque era a que tinha maior extracção;

Que essa extracção era principalmente para as nossas colonias d'África;

Que a firma social que se entregava a essa industria vendia os seus productos aos degradados, aos pacotes de 100\$000 réis falsos por 20\$000 réis verdadeiros.

E o Mineiro não estava tambem ocioso. N'aquella academia do crime, trabalha-se a valer, não é qualquer academia de sciencias. O Mineiro preparava já uma lettrazinha de um conto e quinhentos, que qualquer dia veria a luz do publico.

Ora nós temos-nos demorado largamente com este caso das notas e das moedas falsas do Limoeiro, contámo-lo minuciosamente demais, talvez, mas achámo-lo tão extraordinario e tão inverosimil, que não quizemos tirar-lhe um promenor.

E agora, francamente, perguntamos, o que tentacionam fazer a isto os poderes publicos? Isto é serio? Isto é possivel? Isto pode continuar assim?

Não tentamos criminar individualmente ninguem, mas os factos é que criminam. Ha alli uma cadeia enorme de responsabilidades, e é preciso que cada uma vá puchando pela que lhe fica immediatamente inferior, a vér por onde quebra a cadeia sem *calembourg*. Os menos culpados no fim de contas são o Pera de Satanaz e o Mineiro; esses cumprem o seu officio; o que é necessario ver é quem não cumpre o seu.

— Inaugurou-se no Porto, no Palacio de Crystal uma exposição d'ourivesaria promovida pela sociedade de instrucção.

São numerosos já os serviços prestados á arte e á industria portugueza, por essa benemerita sociedade cabendo em grande parte a gloria

d'esses serviços ao illustre secretario da sociedade, o notavel e erudito escriptor e critico de arte o sr. Joaquim de Vasconcellos.

O aspecto da exposição dizem-nos que é deslumbrante, avultando entre as mais bellas as vitrines dos expositores Leitão & Irmão, e viuva Moreira & Filho.

O Occidente dedicará mais ampla e numerosa noticia a essa exposição, cuja inauguração não queremos deixar de registrar n'esta chronica como um dos factos mais importantes da industria portugueza n'estes ultimos tempos.

— Tem feito muita sensação em Lisboa — e explica-se isso tratando-se de S. Carlos — o programma para a futura adjudicação do theatro lyrico.

Os motivos d'essa sensação são as alterações introduzidas pelo ministerio do reino n'esse programma, no que toca ao preço das entradas.

Até agora o governo negára sempre á empreza a elevação dos preços actuaes, mesmo em recitas extraordinarias, e essa absurda recusa fóra causa das trapalhadas que houve com a venda de bilhetes para as primeiras recitas do Gayarre e era motivo para que em Lisboa nunca se podesse ouvir os grandes artistas excepçoes, como a Patti e a Nilson.

D'esta vez porém o ministerio do reino largou barcos e redes, e não só permittiu augmento dos preços nas recitas extraordinarias, como auctorizou um augmento consideravel nas recitas ordinarias.

Esta segunda auctorisação é que tem levantado grandes discussões em Lisboa, e que é combatida com calor por muita gente.

Nós não a combatemos; entendemos que theatro lyrico bom, não se pôde ter senão por altos preços, agora que os bons cantores exigem escripturas fabulosas; e as exigencias dos cantores por um lado, e por outro lado as exigencias do publico não estavam na proporção de tres mil réis por camarote de 3.^o ordem e oito tostões por platéa geral.

Nós queremos mesmo que o governo auctorizasse maior elevação de preços, e diminuísse o subsidio, repartindo-o com o theatro nacional que é uma vergonha estar completamente entregue á exploração commercial, ao passo que a opera italiana é largamente subsidiada.

Porque no theatro portuguez ha mais a exigir da parte do governo, do que no theatro italiano; não se trata simplesmente de garantir a um numero restricto de espectadores a audição de bons cantores por um preço determinado, trata-se de garantir á arte e á litteratura dramatica a sua existencia, de auxiliar os seus progressos.

De resto a questão de preços é uma questão entre o empresario e o publico, e este é o verdadeiro fiscal.

Se um empresario augmenta os seus preços exageradamente em relação aos espectaculos que dá ou ás posses do publico, o publico tem na sua mão o remedio prompto de o fazer baixar os preços sem intervenção da auctoridade: — é não ir lá, é deixar-lhe o theatro deserto.

— Ao acabarmos esta chronica correu em Lisboa a noticia d'uma horrivel tragedia intima que teve por auctores a imbecillidade dos preconceitos sociaes em collaboração com a bestialidade humana.

Uma engeitada de Coimbra que servia n'uma casa da rua da Quintinha, para encobrir a vergonha da maternidade illegitima, matou o filho ao nascer, esartejando-o com uma faca de cosinha!

E entretanto o seductor, o pae, o auctor d'essa vergonha que se escondia n'um crime hediondo, cheio da irresponsabilidade que lhe dá a lei, passava livremente pela cidade, e faz guarda e faz policia, porque é um agente da segurança publica, um soldado da guarda municipal.

A sociedade humana está ainda muito longe da perfeição e é cúmplice ainda de muitos e extraordinarios crimes.

Gervasio Lobato.

D. GASPAR NUÑEZ DE ARCE

Um dia Piron, o espirituoso poeta que nada foi n'este mundo, segundo affirmou no seu epitaphio, nem sequer acadêmico, jantava em casa de um dos grandes fidalgos da corte de Luiz xv com a flôr da aristocracia do tempo, com os mais vermelhos entre todos os tacões vermelhos do *high-life* de então.

Ao anunciar-se que estava o jantar na meza, dirigiram-se os convidados para a casa do jantar; Piron encontrou-se a uma porta estreita com um marquez qualquer, e houve entre elles uma luta de cortezia, insistindo cada um em que o outro passasse adiante.

Chegou então o dono da casa, e, vendo aquella pelega ceremoniosa, disse para o seu fidalgo hospede:

— *Passez donc, mr. le marquis, ce n'est qu'un poëte.*

— *Puisque les qualités sont communes,* disse Piron endireitando-se, *je prends mon rang.*

E passou adiante.

A anedocta vem a proposito para contar o modo como eu pude apresentar os meus respeitos em Madrid ao grande poeta, cujo retrato hoje o Occidente apresenta aos seus leitores.

Foi na primeira reunião dos jornalistas hespanhoes, n'aquelle sarau musical, com que logo no principio nos obsequiaram, e em que tivemos o prazer de ouvir Madame Sanz.

Um dos membros da commissão levou-me a um homem extremamente sympathico, de barba toda, muito levemente aloirada, e em que mal se distinguia, se os havia, alguns fios prateados, de olhar bom e sereno, que fumava placidamente um charuto, que depois notei que era um quasi inseparavel companheiro.

— O sr. ministro do ultramar, disse-me o apresentante, e pronunciou um nome que eu mal percebi.

Trocámos um aperto de mão, e trocámos em seguida umas banalidades quaesquer. Elle tinha que estender a mão a muitos apresentados, de dizer amavelmente a varios sujeitos, como todo o ministro bem educado, que tem infinito prazer em conhecer os, o que não impede, é claro, que d'ahi a dois minutos nem se lembre, nem possa lembrar-se, nem da physionomia, nem do nome dos seus novos amigos.

Pouco depois da nossa apresentação, estavam cada um a um canto da sala, fallando cada qual com o seu grupo.

N'aquelle em que eu estava fallou-se em poetas.

— Ha dois poetas hespanhoes, disse eu, que desejava sobretudo conhecer: Campoamor, e Nuñez de Arce.

— O quê! ainda não foi apresentado a Nuñez de Arce? observou espantado um dos meus interlocutores.

— O que! tornou outro, não o apresentaram ao ministro do ultramar?!

— Hein! exclamei eu ferido por esta subita revelação, o ministro do ultramar é Nuñez de Arce?

— Pois já se vê que é!

Fiquei litteralmente fulminado. Estivera com D. Gaspar Nuñez de Arce, e tratára-o como um simples ministro! Reduzira á craveira de um secretario de estado qualquer o auctor do *Raymundo Lulle*, da *Selva escura*, da *Vertigem*, da *Visão de fr. Martin*. Reduzira ás proporções de um chefe politico o homem que escreveu o *Feixe de lenha* e a poesia á *Morte de Herculano*!

Como o dono da casa em que Piron jantou, fizera passar o ministro adiante do poeta! A minha desculpa estava em que *sa qualité ne m'était pas connue*.

Corri a elle e desculpei-me humildemente. Conversámos então muito ou em francez, ou nas nossas respectivas linguas. Tive ainda n'essa noite a honra de responder a umas breves palavras sympathicas e calorosas que elle pronunciou para saúdar os jornalistas portuguezes.

Recebeu-nos depois em sua casa, auxiliando-o na tarefa de nos encher de obsequios sua esposa, senhora altamente sympathica, de finissimo trato, respirando no olhar, na voz, nas maneiras a mais perfeita bondade. Folgo de ter occasião agora de lhes asseverar que não esqueci, nem esquecerei nunca a sua graciosa hospitalidade.

Nuñez de Arce tem hoje quarenta e sete ou quarenta e oito annos. Nasceu em Valladolid, e começou cedo a escrever, já como poeta dramatico, já como jornalista.

Deputado em 1865, foi ministro pela primeira vez, supponho, quando subiu ao poder o actual gabinete. Gosa das sympathias de amigos e de adversarios.

Fallemos porém do poeta. Louis-Lande, o mallogrado critico francez, que foi assassinado em Hespanha, paiz a respeito do qual escreveu finissimos estudos, considera, como nós, Campoamor e Nuñez de Arce os dois primeiros poetas lyricos da Hespanha moderna. Affirma porém que as peças de theatro de Nuñez de Arce occupam um logar bastante secundario na sua obra poetica. Não as conhecemos, mas parece-nos impossivel que não triumphem no theatro, o

homem que nos seus poemas revela sobretudo qualidades altamente dramaticas.

O seu poemeto a *Vertigem* é, n'esse genero, admiravel. Ergue-se á beira mar a torre sinistra em cujo eirado se commette um fratricidio. O irmão assassino, apenas vê cair a seus pés o cadaver do irmão, sente-se invadido por um louco terror. Foge sem destino, mas a vertigem assenboreou-se d'elle, e, em vez de correr em linha recta, sem saber como, não faz senão girar sempre, sempre, em torno do cadaver do irmão. E vai e vae n'essa carreira vertiginosa, sempre com os olhos cravados n'esse cadaver immovel, exangue, cujos olhos vidrados parecem acompanhá-lo eternamente na sua carreira, até que enfim cãe, exaustão, morto, dilacerado por essa vertigem medonha ao lado do irmão que assassinou.

Conhecem alguma concepção mais potentemente dramatica? Não vae mesmo para o segundo plano, pelo menos debaixo do ponto de vista da idéa, a *Consciencia* de Victor Hugo, em que o criminoso Caim procura de balde fugir á fixidez d'aquelle olhar mysterioso que do alto dos céus o contempla?

Que scena tão pungente aquella, em que a amada de Raymundo Lulle, que o sabio estreita loucamente nos braços, que está quasi a cedê-lhe, entontecida com o perfume de voluptuosidade que de si propria emana, e que de subito lhe foge, para lhe mostrar, com desespero profundo, rasgando o vestido, o seu peito devorado por um cancro repugnante? E na *Visão de Fr. Martin*, que impressão profunda não deixa no nosso espirito essa scena vaga e phantastica, em que uma virgem vaporosa, bella, mas de uma belleza profundamente melancholica, deslisando com passos silenciosos pelo lagado marmoreo da velha cathedral sombria, se debruça sobre a cadeira do côro, onde dormita Luthero, e, poisando-lhe nos labios um beijo glacial, lhe diz, n'um murmúrio: Eu sou a Duvida!

E o *Idyllio*, e a *Ultima lamentação de lord Byron*, e a poesia á morte de Herculano, e a *Selva escura*, tudo são primores que attestam que Nuñez de Arce é não só um dos primeiros poetas da Hespanha contemporanea, mas tambem um dos primeiros poetas da Europa moderna. Como Campoamor, escreve sobretudo pequenos poemas; os seus porém não são, como os do auctor das *Doloras*, uns quadros delicadissimos, em que a musa sorri, humedecendo apenas com umas lagrimas discretas o feiticero sorriso. Nos seus poemas ha sempre a inspiração vehemente, apaixonada e melancholica. Campoamor é um provençal, Nuñez de Arce é um celta. Cantam nos poemetos de Campoamor as brisas suaves do Mediterraneo, perfumadas com os laranjaes de Valencia ou com as romanzeiras de Granada; nos poemetos de Nuñez de Arce sopra a aragem que vem do Guadarrama e do Oceano, que traz o sopro immaculado e activo das montanhas e os gemidos austeros do mar cantabrico. E assim a poesia lyrica hespanhola tem n'estes dois grandes poetas os representantes da sua dupla feição e da dupla influencia que actuou, durante a historia toda, na alma hespanhola. Pôde dizer-se que Nuñez de Arce é um *troubadour*, mas não fallam duas linguas diversas, e o sonoro hespanhol tem, debaixo da mão potente dos dois grandes poetas, como a lyra magica de que falla Washington Irving nos seus *Contos de Alhambra*, cordas para todas as melodias, e melodia para todas as inspirações.

Pinheiro Chagas.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA VISTA DA FELGUEIRA

O *Banho*, como lá dizem vulgarmente, ou a *Felgueira*, segundo a mais geral denominação, que tem tido n'estes ultimos tempos, é uma povoação pequena, mas graciosa na sua rustica simpleza, como a joven aldeã, que deriva o atractivo principal dos seus encantos das graças naturaes. Com muita mais propriedade lhe caberia o nome de *Agua* ou *caldas de Valle de Madeiros*, que é o povoado mais proximo (talvez 2 kilometros) em vez do que actualmente se lhe dá, *Felgueira*, emprestado a uma povoação, hoje em ruinas, de concelho e districto dif-

ferentes, e demais a mais sita na outra margem do Mondego!

Representa a nossa gravura a entrada do *Banho* com a ponte e as primeiras casas.

Pertence ao concelho de Nellas, no bispado e districto de Vizeu, e dista cerca de 5 kilometros da antiga Villa de Cannas de Senhorim (estação do caminho de ferro da Beira Alta), com a qual vae ficar ligada por uma boa estrada de 5.330 metros, já em construção. A excellencia das suas aguas sulphurosas e ferreas, cujos beneficios verdadeiramente milagrosos aproveitam todos os annos a milhares de pessoas, a proximidade da via ferrea e as crescentes commodidades que vae tendo, asseguram a esse humilde povo um futuro de muitas prosperidades.

A companhia ha pouco formada para a exploração das aguas da Felgueira, principiou já com bom exito os seus trabalhos, dirigidos pelo distincto engenheiro, sr. Berquó e fará construir, além da casa dos banhos, um grande hotel com jardim e todos os commodos precisos.

O CONSELHEIRO LEONEL DE ALENCAR

Primeiro como poeta, como folhetinista, como romancista e depois como diplomata e como politico, o conselheiro Leonel de Alencar teve sempre o seu lugar de honra entre os mais distinctos. A grande obra da emancipação litteraria, no Brazil, deu elle todo o concurso do seu enorme talento, entrando n'ella com a escrupulosidade de um critico perspicaz, com a direcção de um academico brilhante, emprehendendo-a e conseguindo-a por fim á custa do seu talento e da sua actividade. E mais tarde quando abandonou o seu ideal de poeta pela sua cadeira de deputado, e entrou na politica, encontrou immediatamente na tribuna como já tinha encontrado no folhetim, uma nova manifestação para o seu espirito privilegiado.

Um excellento jornal montevideano, dedicado á colonia portugueza *O Correio de Portugal*, publicou n'um dos seus numeros o retrato do conselheiro Alencar acompanhado de um artigo biographico d'onde extrahimos estes apontamentos e do qual transcrevemos os periodos que seguem e que são o maior elogio o talento do illustre diplomata que o governo portuguez acaba de agraciar com a commenda da Conceição.

«Quando passou da politica interna a tratar dos assumptos diplomaticos no exterior, seguindo na carreira que abraçara com feliz ingresso e bons auspícios, e ao mesmo tempo que o seu irmão se dava aos labores dos seus ultimos romances, a nação boliviana prestara toda a justiça ao merito do diplomata brasileiro, deixando ouvir-se da experiencia e dos conselhos que a razão e o bom senso podem dar aos despreocupados e inexpertos. Na Bolivia, Leonel de Alencar, já então agalardoado com o digno titulo de conselheiro pelo governo imperial, entrou resolutamente pelo templo da poesia e cantou em metros castelhanos com a mesma fluencia com que antes o havia feito em lingua materna, castiços na forma e na cadencia. O que desde os annos que allí esteve escreveu e publicou, daria um bom volume. Elle, porém, que pecca pela modestia de seus habitos, dará talvez ao silencio o que todos os brasileiros tem, o direito de reclamar como patrimonio nacional, como tudo que foi alvo do applauso ou dentro ou fóra do paiz em que se nasceu.

A presença do conselheiro Leonel de Alencar na Republica do Uruguay e a ultima recepção que a imprensa fluminense fez ao distincto diplomata, tem tido vitoriosos signaes de approvação e sympathia. Os seus actos de diplomata tem o acabado de seus versos. Para aquelles a reflexão amadurece os fructos da acção como para estes a arte burila a verdadeira forma da poesia moderna.»

ESCOLA DE INSTRUÇÃO PRIMARIA EM AVINTES

A junta de parochia da freguezia d'Avintes, concelho de Villa Nova de Gaya, constituída em comissão juntamente com alguns outros cidadãos da mesma freguezia, estão mandando construir uma escola para n'ella estabelecer duas aulas regias d'instrução primaria, com a capacidade precisa para serem frequentadas, termo medio, por sessenta alumnos externos de cada

um dos sexos, bibliotheca popular e habitação para o professor e professora.

O terreno onde está sendo contruida a casa, é central, de facil accesso, afastado da estrada e mede a superficie de 1.300,00 metros quadrados. Segundo a opinião dos peritos, que fizeram a vistoria ao terreno, em 21 de julho de 1881 reúne este as necessarias condições de hygiene, orientação, ventilação e luz para o fim a que é destinado.

A area do terreno occupado pela casa é 303,00 metros quadrados restando por tanto 997,00 metros que são destinados para os recreios e exercicios dos alumnos.

A casa é construida no meio do terreno, ficando a frente principal voltada para o sul e desviada do caminho publico 5,00.

A casa tem como se vê do projecto, o primeiro pavimento levantado do solo um metro, formando uma caixa d'ar que facilmente pode ser renovado.

O primeiro pavimento tem duas salas d'aula, medindo cada uma a superficie de 66,00 metros quadrados e 5,00 d'alto, duas salas de espera, uma sala para bibliotheca, dois vestibulos independentes para cada um dos sexos, dois quartos para guardar os chapéus, e que são debaixo das escadas, dois quartos para lavatorios, latrinas que ficam fora do edificio, e o andar superior tem os aposentos indispensaveis para a habitação do professor e professora.

Cada sala d'aula tem seis janellas, ficando quatro á esquerda dos alumnos, e a superficie aberta á luz está para o interior na relação de 0,28 aproximadamente para 1,00.

Para occorrer ás necessidades de ventilação durante o tempo da aula haverá alem das disposições especiaes adoptadas nos caixilhos de vidraças, um tubo de grés na caixa d'ar por de baixo das aulas, abrindo-se entre cada duas bandeadas um orificio de ventilação 0,10 a cima do pavimento, e communicará este orificio por tubos de menor diametro com o central, o qual será prolongado até a chaminé de ventilação que servirá a das cosinhas dos professores.

Por debaixo da cornija se abrirão os orificios da entrada d'ar conforme se vê do respectivo alçado.

Para o abastecimento, e limpeza da escola se abrirá um poço devendo a agua ser devidamente encanada.

A obra está orçada em 7.269.880 réis, sendo metade d'esta quantia fornecida pelo governo.

Emquanto algumas camaras municipaes se tem negado a concorrer com as despesas das escolas de instrução primaria, apparecem estas iniciativas dignas de todo o louvor, e de serem cuadjuvadas por quantos amam a instrução e a humanidade.

Depois da escola feita é mister que ella tenha professores habilitados, e para isso é preciso pagar-lhes condignamente.

Todos pedem escolas e poucos se preocupam com os professores para essas escolas e é por isso que, apesar de haver já um certo numero d'ellas no paiz, os seus resultados são quasi nulos.

O que se paga — quando se paga — aos professores de instrução primaria só em casos muito excepcionaes pode convir a individuos competentemente habilitados, resultando d'ahi que a maior parte são tão ignorantes como os dicipulos que se propõem ensinar.

E de esperar por tanto que a digna comissão que, tanto se tem empenhado em construir a escola primaria d'Avintes, completará bem a sua obra escolhendo professores habilitados e pagando-lhe rasoavelmente se os quizer ter, e tiver a fortuna de os encontrar.

O CENTENARIO

DA

INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

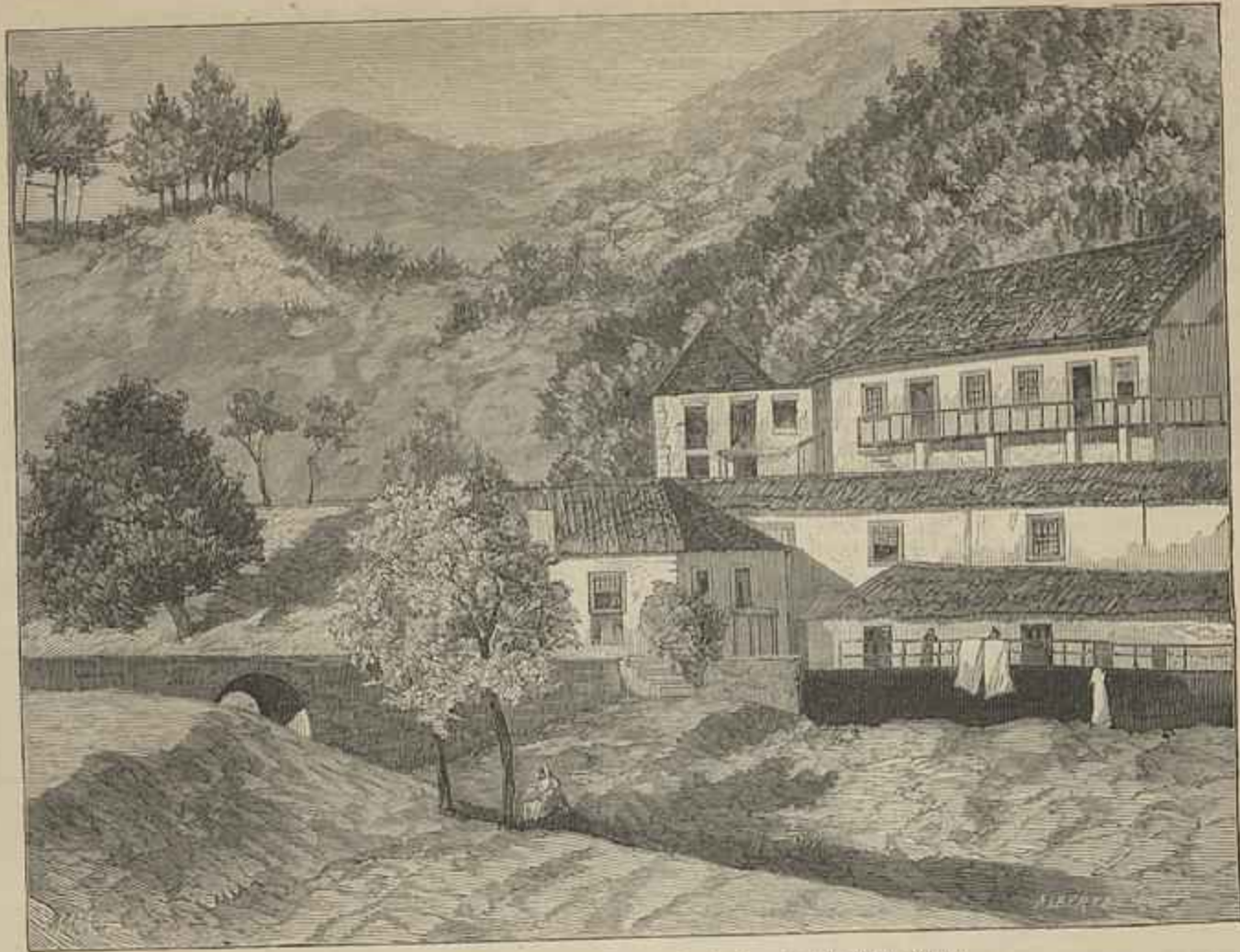
E O SEU INVENTOR

PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

V

(Continuado do n.º 109)

Pelo decurso d'esta narrativa se viu que a experiencia se fez publicamente, do que são prova principalmente a quantidade de poesias satyricas



UMA VISTA DA FELGUEIRA (Segundo um desenho do natural de Alberto Telles)

que então se escreveram sobre o assumpto e outras memorias contemporaneas que tem sido desenterradas das bibliothecas das tres cidades, Lisboa, Evora e Coimbra e que tem sido publicadas, pelos srs. Freire de Carvalho, padre Recreio, Innocencio F. da Silva e dr. Augusto Filippe Simões, as quaes se juntam outras que eu encontrei.

Um facto tão extraordinario e de tamanha importancia, a realizar-se o que seu inventor promettia, não podia ficar encerrado dentro do paiz.

Effectivamente as relações de parentesco que havia entre os soberanos de Portugal e outras cortes estrangeiras, deviam dar logar a fazer-se conhecido dos estranhos os projectos do padre Bartholomeu Lourenço.

Não resta duvida de que a rainha de Portugal communicára a noticia do invento á princeza Izabel Christina de Brunswick-Blankenburg, esposa de Carlos VIII de Hespanha, que depois subiu ao throno de Vienna d'Austria e foi mãe da imperatriz Maria Thereza.

A futura imperatriz residiu em Hespanha desde 1708, anno do seu casamento, até 1713.

Era esta princeza bella, espirituosa e dotada de coração sensível; as saudades de sua mãe, a duqueza Christina Luiza de Oettingen acompanhavam-n'a na sua residencia de Barcelona, concebe-se por isso o alvoroço que lhe daria semelhante nova, e como se apresaria a communicar-a a sua mãe, com as maiores expansões de sentimento filial.

Dizia o sr. Fernando Diniz no artigo da *Nouvelle biographie universelle* a que já nos referimos, que nos archivos do grão-ducado de Brunswick existia a correspondencia entre aquella princeza e o seu protegido Bartholomeu Lourenço, e que fóra ella quem movera D. João V a proteger aquelle nas suas tentativas. Tudo isto é muito problematico.

Izabel Christina tendo vindo para Hespanha, pouco mais ou menos pelo tempo em que o padre Bartholomeu Lourenço veiu da Bahia para Lisboa, não podia ter conhecimento do celebre inventor: este, é mais que provavel, fosse recommendado para Lisboa pelo padre Alexandre de Gusmão, padrinho de seu irmão, seu educa-

dor, e talvez parente, porque vemos ambos os irmãos tomar o seu apellido, e aquella princeza, segundo vamos vér, parece ter tido só conhecimento do projecto do invento e talvez nenhum do inventor, e não ha vestigios de correspondencia entre ella e o padre Bartholomeu Lourenço, parecendo que a noticia dada pelo sr. Fernando Diniz, provém de equivoco de algum informador.

O sr. dr. Simões, depois de bastantes pesquisas poudo conseguir copia do parographo de uma carta da princeza Izabel Christina, dirigida de Barcelona a sua mãe com data de 2 de julho de 1709, na qual se refere ao invento do padre Bartholomeu Lourenço e é o seguinte:

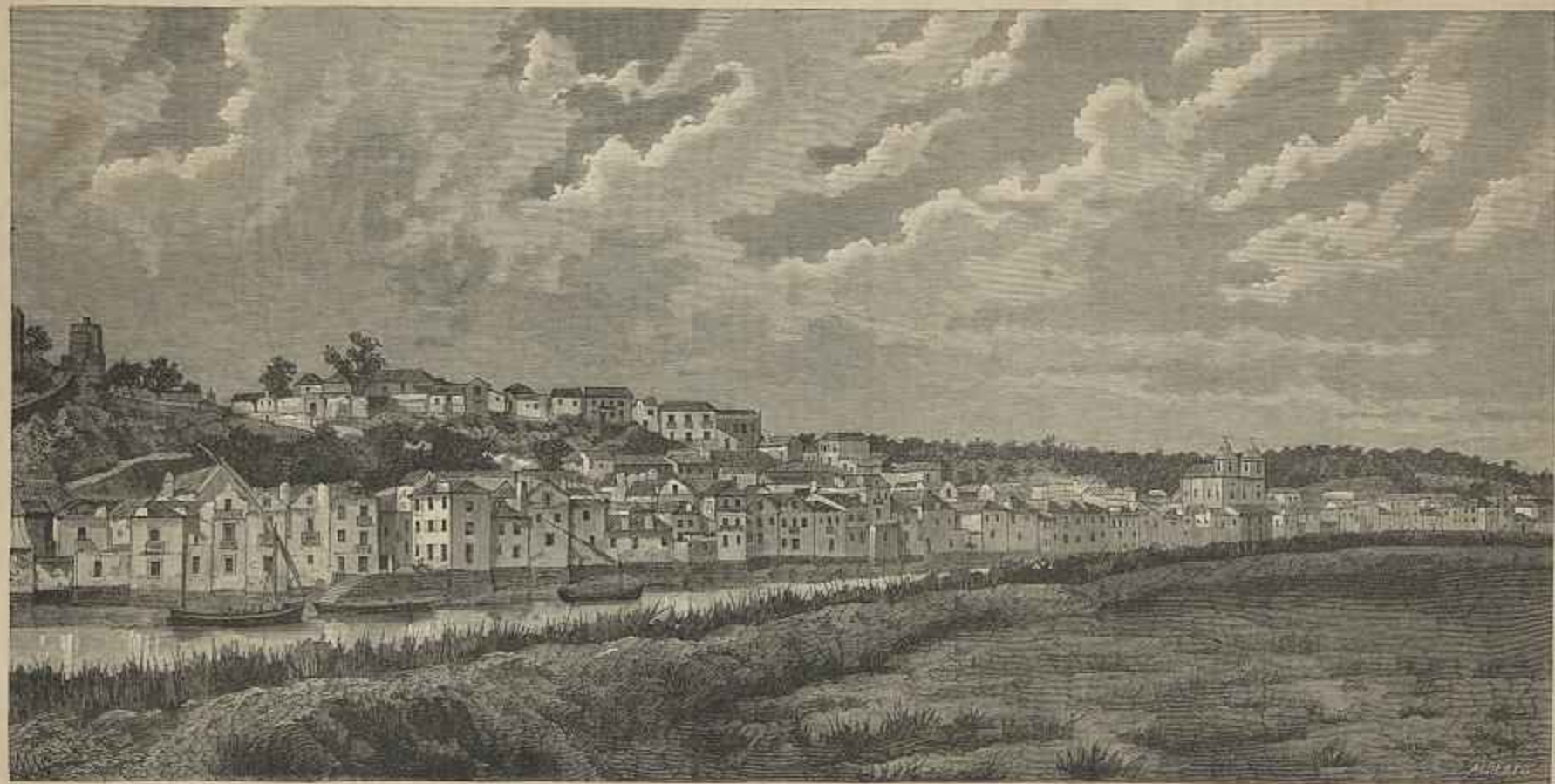
«Je me souhaiterais seulement un seul jour auprès de votre altesse. Que j'aurais de choses à dire! La reine de Portugal m'a fait faire la proposition de venir la trouver si-tôt navire volant sera fait, étant à Lisbonne un homme qui vante d'en pouvoir faire qui passe par l'air. Si cette invention réussit, je viendrais toutes les semaines un jour trouver votre altesse. Ce serait un charmant voyage pour moi, mais je doute fort qu'il réussira dans son entreprise.»

Este pequeno parographo, onde o coração da princeza se revela em toda a sua ternura filial, e a sua imaginação só lhe mostra as vantagens de um tal descobrimento, sem lhe deixar ver os perigos, é o documento mais precioso, para a historia do invento do padre Bartholomeu. A ardencia do amor filial da princeza lança-lhe porém no seu espirito a duvida pungente de que tanta ventura se possa realizar.

A carta é um mez, pouco mais ou menos anterior á experiencia, e mostra que o conhecimento do projecto do padre Bartholomeu saíra do reino, e com a natural communicacão propria do sexo feminino, era já conhecido, antes



CONSELHEIRO LEONEL DE ALENCAR, MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DO BRAZIL NO URUGUAY (Segundo uma photographia de Valdes Hermanos)



ALCACER DO SAL. 2.ª VISTA (Segundo uma photographia de Oliveira). Vêda artigo a pagina 107 2.ª 153

de experimentado, em Hespanha e Alemanha, sendo muito natural que tal noticia não se ficasse entre as tres princezas. Nos serões e conversações das diversas cortes, não devia ser objecto de pouco discurso e alvoroço a novidade de tal invento.

Infelizmente não tem havido ensejo de pesquisar pelos diversos archivos de Hespanha e de outras partes, onde seria provavel encontrar documentos que fizessem ao assumpto.

Este porem já é de muita consideração e pena é não se encontrarem mais cartas da princeza Izabel Christina, porque é muito natural que ellas nos fossem de muito proveito.

Emfim, mais ou menos publicamente, com mais ou menos notoriedade, fez-se a experiencia, havendo algumas duvidas sobre o logar e importancia d'ella. Porque não proseguiu o padre Bartholomeu Lourenço no seu proposito? Que motivos o impediram de se applicar aos seus trabalhos favoritos, e onde se occupou desde 1709 a 1716, em que o tornamos a encontrar?

Varias relações, especialmente uma que se intitula *Memoria do Padre Bartholomeu Lourenço chamado vulgarmente o voador, pela razão que abaixo se relata*, que o sr. dr. Simões copiou da bibliotheca da Universidade e publicou, o que tambem fez Innocencio pouco depois, mas de outra copia, referem algumas circumstancias relativas a este lapso de tempo. Dizem que o padre Bartholomeu saíra para a Hollanda, *onde tambem quiz dar mostras das suas habilidades, como se os hollandezes fossem tão facéis de enganar como os portuguezes. Não fizeram caso da sua memoria, porque áziam (e não ha duvida) que muitos homens tinham no seu reino de mais requintadas memorias, dos quaes se não fazia caso, e muito menos fizeram das mostras, que começou a dar das suas habilidades, vendendo-as por grangear dinheiro, como bufarinheiro; mas foi muito pouco o que tirou. A primeira foi pôr-se a assar carne ao sol com uns vidros adiante, das quaes e de outras ridicularias semelhantes se começaram a rir e a escarnecer os hollandezes, e elle vendo a mofa e zombaria que faziam das suas coisas, se voltou a Portugal, e como não podesse servir-se da graça de Sua Magestade como d'antes, passou a Coimbra a acabar os seus estudos e formar-se (devia dizer — doutorar-se) o que com effeito fez com boa acção.*

A exactidão da ordem dos successos descriptos por esta burlesca memoria, obriga-nos a aceitar aquella viagem a Hollanda, e talvez a outras partes da Europa como causa da interrupção dos trabalhos de Bartholomeu Lourenço. Quando dizemos exactidão, referimo-nos tão sómente á da ordem dos successos, porque quanto ao mais, a tal memoria é uma descripção burlesca e satyrica da vida do padre Bartholomeu Lourenço, figurado n'ella como um bufarinheiro e saltimbanco de praça ou de feira, que apregoa as suas habilidades e elixires, com espanto dos parvos que o rodeam, e exposto á mofa dos intelligentes.

Nem a qualidade de ecclesiastico de Bartholomeu Lourenço, nem a descripção que da sua pessoa e do seu caracter faz Barbosa Machado, permitem que se aceitem taes asserções como serias.

Devemos crer antes que o desejo de instruir-se, de estudar lá fóra os progressos das sciencias physico-mathematicas, que tanto se coadunavam com a orientação e tendencias do seu espirito, e de procurar o meio mais pratico de resolver os problemas que lhe agitavam a imaginação, o determinariam a ir fazer uma viagem ao estrangeiro.

E quem sabe, se já então, como se fez depois, o governo ou o rei o enviariam fóra com caracter publico, ou mais seguramente particular, afim de prescrutar quaesquer assumptos de interesse politico ou de outra natureza.

A ausencia de noticias de Bartholomeu Lourenço, desde 8 de agosto de 1709 em que se realizou a experiencia do seu aerostato, até 1716, levam-nos a admittir a possibilidade da sua saída do reino, emquanto novas pesquisas não produzirem outro resultado.

(Continua).

Brito Rebello.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

(Continua do n.º 160)

XLVI

Passemos á sala L, pequena, mas onde ha objectos variados e quasi todos preciosos.

Avultam pela sua quantidade e merecimento muitos objectos, principalmente louças, esmaltadas de Limoges, pela maior parte pertencentes á sr.ª duquesa de Palmella.

Passaremos a outros artigos.

Vejam os n.º 20 que é uma estrevaninha dada pelo papa Benedicto xiv que subiu ao solio pontificio em 1758, á academia lithurgica, creada por sua iniciativa, no convento de Santa Cruz de Coimbra. Tem-se affirmado que serviu no Concilio de Trento, mas não parece d'esse tempo. É de tartaruga com incrustações de ouro e madreperola e compõe-se de seis peças: taboleiro, tinteiro, areeiro, caixa de obreias, campainha e porta-pennas, todas marchetadas de ouro e madreperola. O desenho é delicadissimo e o seu cumprimento de 0,29.

O n.º 27 é um prato de cobre esmaltado, como muitos objectos d'esta sala, mas de forma singular. É triangular, o fundo é branco, sobre o qual, em pintura de variado colorido, estão representados coelhos, aves, peixes e outras especies. Na borda vê-se um homem pescando, outro caçando e um braço de armas, com chapéu e cordões de bispo e a legenda — *SALDANHA DE ALBUQUERQUE*.

O n.º 58 é um cofre de prata coberto de filigrana do mesmo metal, adornado de folhas e flores relevadas e esmaltadas. Com elle parecem dever juntar-se os dois castiões n.ºs 61 e 62 tambem de prata e cobertos de filigrana tambem de prata, em cada um dos quaes ha uma ave com as azas abertas. O trabalho d'estas peças é delicado.

Da igreja de Santos o Novo tambem veio outra peça filigranada. É uma urna (n.º 68) de filigrana de prata sobre fundo vermelho. É de forma hexagonal, tendo uma pilastra em cada angulo e na tampa seis pyramides correspondentes ás pilastras.

O n.º 70 é uma cruz processional de cobre, coberta de ornatos nas duas faces; na anterior tem nos extremos da haste e braços os emblemas do Martyrio de Christo, e no reverso os quatro Evangelistas. É do seculo xvii e pertence á freguezia de Mertola.

É da Academia Real das Sciencias de Lisboa o artefacto que tem o n.º 73. Assente sobre um medalhão oval de marmore, cercado por uma moldura de madeira dourada, vê-se um busto em marmore cor de rosa; é de meio relevo e sobre a cabeça tem uma coroa aberta. Dizem representar D. Sebastião.

Não deixemos de olhar para o idolo de bronze (n.º 78) que aparenta grande antiguidade. Está assentado com as pernas cruzadas e de certo é originario da India.

A estatueta pertencente ao Convento do Sacramento de Alcantara, e que tem o n.º 83, tem certa singularidade. É de marfim e representa S. Domingos, de 0,36 de alto. Junto tem um cão com uma vela azeza na bocca. Representa bem a exaltação violenta do celebre santo hespanhol.

XLVII

Do convento de Santa Clara de Coimbra são duas estatuetas de barro (n.ºs 84 e 85) representando anjos, vestidos em roupagens coloridas.

O n.º 88 é uma mitra de prata arrendada, trabalho do seculo xvii. Tem 0,31 de alto, e, como o peitoral do grande sacerdote dos hebreus, tem cravadas na frente doze pedras de cores; no reverso, nos espaços lisos, apresenta a seguinte legenda: *O SOR INQUIZIDOR MANOEL DE MAGALHAES DE MENEZES DEU ESTA MITRA A SAN BRAS SENDO ALCAIDE DA SVA COMFRARIA O ANNO DE 1648*. Parece trabalho portuguez.

Obra de muita delicadeza são de dois crucifixos; o primeiro, n.º 119, é de marfim, a cruz é cylindrica e em proporções muito delicadas; e o outro n.º 125 é de buxo, com duas figuras em meio relevo junto da base. Este segundo é de taes dimensões que cabe no cano de uma penna de pato. Não são estes os unicos exemplares da paciencia e habilidade humanas.

O n.º 126 é um grupo de jaspe. Representa a rainha D. Maria I, coroando uma figura que symbolisa a Academia Real das Sciencias de Lisboa, de que foi fundadora. O todo está contido nas duas terças partes de um ovo de ema e resguardado por um vidro orlado de uma grinalda de jaspe, e assenta tudo sobre uma peanha de talha dourada. Deve ser dos fins do seculo passado.

O n.º 131 é uma caneca cylindrica de agatha com base, aza e orla superior de prata dourada. A tampa é semi-espherica, tambem de agatha, e a orla e remate de prata dourada e preza á aza por uma charneira.

Os n.ºs 135 e 136 representam um jarro e uma bacia de louça do Japão. São ornados de arabes-

cos e caras de vario colorido, sobre fundo branco, onde tem um braço a que está junto o chapéu e cordões, emblema de bispo. Provavelmente encommenda de algum bispo nosso do Oriente ou presente que lhe foi feito. O diametro da bacia é 0,533.

Eram muito distinctas as peças do n.º 137. Compunha-se de quatro fructeiros e dois pratos de prata dourada, com ornatos de gravuras representando folhagens entremeadas de esmalte preto. O trabalho é chinez. Alguem nos observou, que uma ou todas as peças grandes, não eram fructeiros, mas perfumadores, o que se conhecia pelos orificios que as cercavam. Effectivamente, apesar da nossa vista ser curta, ainda podemos ver os orificios assás miudos.

Varias outras peças de louça do Japão eram curiosas, e especialmente pela esquisiteza, a terrina n.º 134, representando uma cabeça de porco.

O n.º 143 representava um boião de vidro de bocca larga, tendo no alto do bojo quatro azas.

O n.º 148 era uma pequena pia de agua benta, toda de vidro. A parte superior triangular é dentada pelos dois lados maiores do triangulo, affectando a forma de uma folha com abertos no centro; pela parte inferior continua-se a pia em forma graciosa, com tres reintrancias e tres bojos, terminando em um botão.

(Continua).

R.

DEZ DIAS EM HESPANHA

NOTAS DE VIAGEM

(Continua do n.º 170)

II

Os charutos afastaram-nos do nosso caminho, da *calle* do Arenal, por onde seguimos á procura de um trem para a casa do campo d'El-Rei, e onde a barbaridade hespanhola, de que nós fugimos, fugindo da praça dos touros, veio ao nosso encontro.

Quando nós caminhamos, olhando curiosamente para as lojas, esbarrámos n'um espectáculo cruel, repugnante, que em Portugal não se encontra felizmente em qualquer rua da aldéa.

A porta de um talho, um homem matava tranquilamente um carneiro, aos olhares indifferentes de quem passava.

E depois de lhe metter a faca no pescoço, com o animal a esperar e a escorrer sangue, começou a esfolar-o vivo ainda, com a serenidade selvagem com que na praça dos touros cortam as tripas dos cavallos moribundos, e os amparam cuidadosamente para que o touro os ache ainda de pé e possa mergulhar as suas hastes ensanguentadas n'aquellas dilaceradas entranhas palpitantes.

E ninguém que passava mostrava o menor espanto por aquelle espectáculo indigno, que em Lisboa occasionaria um serio tumulto, o que nos provou que era habitual aquella matança e esfoladella de carneiros á vista do publico nas ruas de Madrid.

É a grande mancha da civilização hespanhola, a barbaridade cruel dos seus costumes, barbaridade por quem velam como uma vestal cuidadosa os toreros e os espadas celebres; é a nota antipathica e odiosa que se encontra n'esse bello paiz tão grande nas artes, tão bizarro na hospitalidade, tão alegre na convivencia, nota que esfria toda a sympathia, todo o enthusiasmo que a Hespanha pôde inspirar aos povos civilizados e modernos.

E alastram-se por toda a Hespanha esses instinctos cruéis, esses requintes de barbaridades, com uma inconsciencia inverosimil, que os torna ainda mais horribes e medonhos.

Ha pouco tempo ainda, um hespanhol que é um artista illustre e que esteve alguns annos em Portugal, um excellente homem, muito delicado, muito amavel, *un brave homme*, contava-nos na caixa do theatro da Trindade, com a mais expansiva alegria e com o ar mais bonacheirão, que imaginava se pôde, a seguinte historia.

O hespanhol morava com sua mulher e seus filhos, uma familia muito séria, muito digna, muito patriarcal na rua larga de S. Roque.

Na varanda a mulher do hespanhol tinha umas flôres que estimava muito; mas havia na vizinhança um gato intromettido, que todos os dias ia visitar as flôres da varanda da hespanhola.

— Minha mulher estava furiosa, e ha oito dias, contava elle, puzemo-nos á espera do gato.

A hora da visita, elle appareceu muito socegado, muito cheio de conhaça. Minha mulher chamou-o com muitos bons modos, mostrou-lhe um bolo, o gato veio approximando-se, muito

contente. Ella fez-lhe muitas festas e deu-lhe o bolo.

Quando elle o estava a saborear, zás! minha mulher agarra-o, eu estava já preparado atraz da porta com um sacco, e mettemol-o dentro.

O gato, quando se viu mettido no sacco, começou a mear, como um desesperado, renhannhau... renhannhau... miau!...

E imitava os gemidos do gato com uma grande jovialidade patusca.

— E depois? mandou-o deitar fóra, hein? Para sitio longe?

— Nada: agarrei n'elle, e metti-o no sótão, e durante oito dias foi o divertimento dos meus pequenos.

— Divertimento, como?

— Imagina lá! O gato principiou a ter fome e sede, e então cantava que era um gosto. Os pequenos, quando elle miava muito, iam lá acima, pegavam no sacco, e batiam com elle pelas paredes até o gato se calar. Você não imagina!

Era uma festança para os rapazes e para as raparigas! E a fome cada vez o apertava mais, e quanto mais fome, mais miava, e quanto mais miava mais pancada? Ao cabo de oito dias! Os pequenos já me pediram para lhe apanhar outro!

E contava esta monstruosidade como a coisa mais natural do mundo, como o divertimento mais innocente para creanças, com o ar *bon enfant*, com que o hespanhol vé estripar quinze cavallos n'uma tarde, na praça dos touros, pede *fuego! fuego!* para o boi, e leva as filhas a esses graciosos espectaculos!

Por fim encontramos um trem, mas santo Deus que trem! O coche mais immundo de todas as immundas carruagens que se *alquilan* nas praças de Madrid; e aos solavancos dentro d'essa raipeira, atravessámos n'um andamento em *lar-ghetto* ao pé do qual o passo dos bois das carroças do lixo lisboetas é um galope vertiginoso, os bellos jardins cheios de sombra que ficam por detraz do palacio do Oriente, a ponte sobre o Manzanares, um rio que se parece alguma coisa com o caneiro de Alcantara, e entrámos na alameda da quinta da casa do Campo do Rei de que nos diziam maravilhas.

Eu não sei se a quinta da casa do Campo do Rei de Hespanha, é ou não uma formosa quinta, o que sei é que os empregados que n'esse dia lá estavam eram malcreados e grosseiros, como nunca o foram os velhos continuos legendarios das nossas repartições publicas.

Nós levavamos um bilhete de admissão: não serviu de nada; dissemos que eramos estrangeiros, que eramos *periodistas*, nada, inteiramente nada: os guardas do parque da casa do campo trataram-nos com uma grosseria brutal, que nos daria uma triste idéa da delicadeza hespanhola, se essa grosseria não fosse uma excepção unica que encontramos na bizarrria e amabilidade madrilena, que nos encheram de obsequios e de gratidão.

E muito enojados com a esfoladella do caneiro, com a má criação dos guardas do parque real, e com o pessimo commodo do nosso trem de praça, voltámos para o hotel dos Embaixadores.

Momentos depois chegavam os nossos compa-
nheiros, que vinham da tourada.

Todos elles vinham pallidos como defunctos. A curiosidade de ver as touradas hespanholas sahio-lhes cara: a barbaridade do espectáculo encheu-os de indignação, a sua repellente immundice tirou-lhes a vontade de jantar.

E a Hespanha que até ali nos era tão sympathica e attraente, começou a ser vista sob outro aspecto muito menos lisongeiro.

(Continua).

Gervasio Lobato.

RESENHA NOTICIOSA

VENDA DE CONDECORAÇÕES. Grande numero de expositores da exposição de Amstardam receberam convites de uma agencia pariziense, em que se lhes offerencia condecorações das Ordens de Carlos III de Hespanha, de Christo de Portugal, do Leão da Persia, d'Osmanié e Medjidié da Turquia, e de Nicham da Tunisia, mediante a esportula de dois a tres mil francos, destinada a obras humanitarias. Os governos, e nomeadamente os respectivos agentes diplomaticos e consulares, devem empregar todos os meios, para

credito dos seus respectivos paizes, para fazer cessar similhante escandalo.

CAMINHO DE FERRO D'ÁVILA A SALAMANCA. Foi por lei do governo hespanhol adjudicada a concessão d'este caminho, sem subvenção alguma, a D. Manoel Gonzalez y Garcia Franco, passando por Peñaranda e Bracamonte. São 95 kilometros de execução technica difficil e, segundo periodicos estrangeiros, impossivel de se realizar sem subsidio, o que não julgamos. Segundo estes, o caminho favoreceria as relações, hoje quasi nullas, entre Madrid e o Porto, e seria um affluente importante para o Norte de Hespanha. Segundo a opinião dos mesmos periodicos, pertence este, infelizmente, á cathogoria dos caminhos de ferro no papel. Este pessimismo parece não ter razão de ser, e as difficuldades dizem-se resolvidas.

ILLUMINAÇÃO ELECTRICA. A cidade de Corityba (Paraná, Brazil) acaba de estabelecer a illuminação por este systema. É notavel como as terras de provincia se vão adiantando com tanta vantagem para o publico. Este melhoramento importa um perigo de menos e uma conveniencia de mais.

CAMINHO AMERICANO ELECTRICO. Pouco tempo ha que se fizeram os primeiros ensaios de tracção electrica, ainda ha pouco a cidade de Paris viu a primeira experiencia d'este novo systema de viação, já o Brazil, adiantando-se á velha Europa, especialmente á metropole, onde tudo chega tarde e mal, estabeleceu o seu primeiro *tramway electrico*. É o de Nichoerty que o sr. Carlos Bastos acaba de montar por este systema. Entre nós... não fallemos.

INCENDIO. A's 11 horas da noite de 18 do corrente manifestou-se incendio em uma estancia de madeira do sr. Manoel José d'Oliveira, na rua Vinte e Quatro de Julho n.º 30. Alimentando-se nas altas pilhas de casquinha e outras madeiras, as lavaredas atacaram ainda os telheiros da officina de caldeiras dos srs. Hugh Perry & genro, e offendeu os telhados da abegoaria municipal, que fica contigua. Poude localizar-se, não passando d'estes estabelecimentos, que tiveram alguns prejuizos, sendo o total de cerca de 40 contos de réis. Em poucos annos tem sido aquelle sitio da Boa Vista e Aterro visitado por este terrivel elemento, que tem causado serios prejuizos e posto em risco valores importantissimos. É necessario tomar medidas energicas, para evitar, quanto possível, o desenvolvimento que estes sinistros posam tomar, em sitio de tanto commercio e habitação, e onde ha estabelecimentos de importancia tal, como o deposito do gaz etc. O clarão das chammas, reflectindo-se na atmosphera, illuminava a cidade, e dos pontos elevados parecia um vulcão em actividade.

JOSÉ RIBEIRO DA CUNHA. Falleceu no dia 19 do corrente, na sua bella casa da praça do Principe Real, d'esta cidade, o abastado proprietario e capitalista, antigo negociante e um dos socios sobreviventes do extincto Contracto do Tabaco, sr. José Ribeiro da Cunha. Deixa viuva a sr.ª D. Maria Carlota de Paiva da Cunha, e dois filhos a sr.ª D. Julia Ribeiro da Cunha, casada com seu primo Francisco Ribeiro da Cunha, e o sr. José Ribeiro da Cunha Junior, addido de embaixada, casado com a filha dos srs. barões de S. Pedro. Deixou testamento prohibindo os convites, dispondo que o seu enterro fosse o mais modesto possível, e acompanhado por oito pobres do Albergue dos Invalidos do Trabalho, ao qual manda entregar cem mil réis. Era jovial, de trato lhano, e a sua esplendida casa era um centro de reunião permanente, para todos aquelles que tinham relações com o abastado capitalista.

OMNIBUS DE TRES RODAS. Acaba de tirar privilegio para este invento o sr. Jayme Biosca, de Barcelona. Já ha sessenta annos que este systema foi ensaiado, sob o nome de *tricyclo*, sem poder dar resultado, como o calculo demonstra. O systema Larmanjat era outra variedade de tres rodas, e não teve favoravel successo.

LIMA-DUARTE. É este o nome de um magnifico rebocador de 400 toneladas, construido pela *Compagnie des forges et chautiers de la Méditerranée* para o governo brazileiro. Vae ser empregado no serviço da barra do Rio Grande do Sul.

PONTE DO MINHO. Consta que foi suspensa, por ordem do respectivo engenheiro portuguez, a collocação do taboleiro d'aquella ponte, por imperfeição do trabalho. A obra tinha sido adjudicada por grande abatimento, segundo um periodico francez, a uma officina belga.

ESCRavidão NO BRAZIL. O numero dos escravos existentes ainda hoje no imperio é de 1.346.648. Desde 1871 tem sido emancipados 87.005, (dos quaes 57.056 por titulo gratuito) ou 7250 por anno, termo medio. O valor dos escravos eman-

cipados representa 29 mil contos aproximadamente da nossa moeda, ou 3388400 por cabeça.

SALINAS DE MOÇAMBIQUE. O concessionario, o sr. M. L. Amourox annuncia uma produção provavel de 1.200.000 toneladas, cuja collocação espera poder verificar-se na India Sinica.

CORRIDAS DE TOUROS. Apesar do que dizem os amigos dos animaes, acaba de se formar em Paris uma associação para animar as corridas de touros em França. Estamos a ver se preferem o modo hespanhol ao portuguez. Como os hespanhoes e os portuguezes devem estar contentes, vendo-se vingados de tanta critica que inglezes e francezes lhes tem feito por esse motivo. Que dirão a isto tambem os vangloriadores da republica franceza? De certo é um progresso sobre as praticas da monarchia e do imperio.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, *illustrado*, etc., director *Fernandes Costa, Henrique Zeferino de Albuquerque editor*, Lisboa. Fasciculo 56 de 48 paginas publicando a letra B e a letra M.

O proprietario d'este dictionario partiu ha pouco para o Brazil onde vae fazer propaganda da sua obra, que bem merece todo o auxilio, porque é uma obra monumental.

A VOLTA DO MUNDO *jornal de viagens e de assumptos geographicos, illustrado, etc.*, directores litterarios *dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo*, *Empreza litteraria Luso-Brazileira, editora*, Lisboa. N.ºs 13, 14 e 15 com bellas gravuras e escolhidos artigos de viagens etc.

O ZÉ ESPREMIADO, *almanach para 1884, 1.º anno de publicação*, Lisboa. É um almanach de combate que prima, sobre tudo, pelo escandalo, o que equivale a dizer que a sua edição se esgotará em breve.

O CORREIO DA INDIA, 1.º anno n.º 1, folha semanal de que se publicou este numero, segunda feira 6 de agosto do corrente anno. É publicada em Goa, impressa na typographia da *Verdade*. Consta de 4 paginas e desejamos-lhe longa vida.

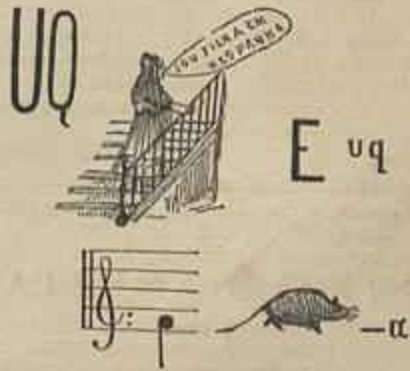
CATALOGO DAS VISTAS PHOTOGRAPHICAS DE FRANCISCO ROCCHINI, *photographo premiado nas exposições de Vienna, 1873, Philadelphia, 1876, Universal de Paris, 1878, e Rio de Janeiro, 1879*, Lisboa. Este catalogo contém a relação de cerca de 300 vistas photographicas de monumentos, paizagens e edificios publicos de Belem, Lisboa, Cintra, Batalha, Alcobaça, caminho de ferro do Porto á Povoia de Varzim, coches da casa real, etc., etc.

A collecção de vistas do sr. Rocchini é das mais importantes que se encontram á venda em Portugal, e representa o trabalho de muitos annos d'este honrado artista.

N'esta collecção destaca-se muito vantajosamente tres magnificos panoramas de Lisboa, sendo um d'elles tirado de Almada e que mede cerca de tres metros, apesar de bastante reduzido. Este panorama abranje desde a torre de Belem até Santa Apollonia, o que dá uma extensão de quasi 8 kilometros, o que torna impossivel reduzir a dimensão apreciavel inferior á que o sr. Rocchini deu ao seu panorama.

A VIDA DAS FLORES, *por Alphonse Karr e Taixile Delord, traduzida por uma sociedade litteraria sob a direcção de Duarte de Oliveira Junior*,

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
Aguas passadas não moem moinhos.

David Corazzi editor, Lisboa. Fasciculos 10 e 11 com dois chromos, *Violeta e Amor Perfeito*.

A SOCIEDADE DE HOJE, revista semanal, scientifica-litteraria, redactores e proprietarios, José Pinto de Queiroz Magalhães e José Carlos Ehrhardt, Porto. N.º 28 d'este periodico que se tem publicado com regularidade e interessantes artigos.

AS COLONIAS PORTUGUEZAS, proprietario Henrique de Carvalho, collaboradores diversos, etc. Lisboa. N.º 9 do 1.º anno d'este periodico que se apresenta com muita distincção, tanto na parte illustrada como na parte litteraria.

JORNAL DE HORTICULTURA PRÁTICA, redactor Duarte de Oliveira Junior, proprietario José Marques Loureiro, Porto. N.º 9 do vol. xiv. Setembro de 1883, com bellos artigos sobre agricultura e illustrado de gravuras explicativas do texto.

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO, publicação litteraria e scientifica, collaborada pelos associados, Rio de Janeiro. N.º 8 e 9 com artigos variados.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... terceiro anno — oitava serie... 1883, David Corazzi, editor, Em-

LES MATINÉES ESPAGNOLES, nouvelle revue internationale europeenne, par M. le Baron Stock... saison d'été — second volume second semestre, n.º 4 e 5, deuxième édition française, 15 et 22 août 1883... Madrid... calle Montalban 2. Contem este fasciculo: souscription... pour Ischia; Un

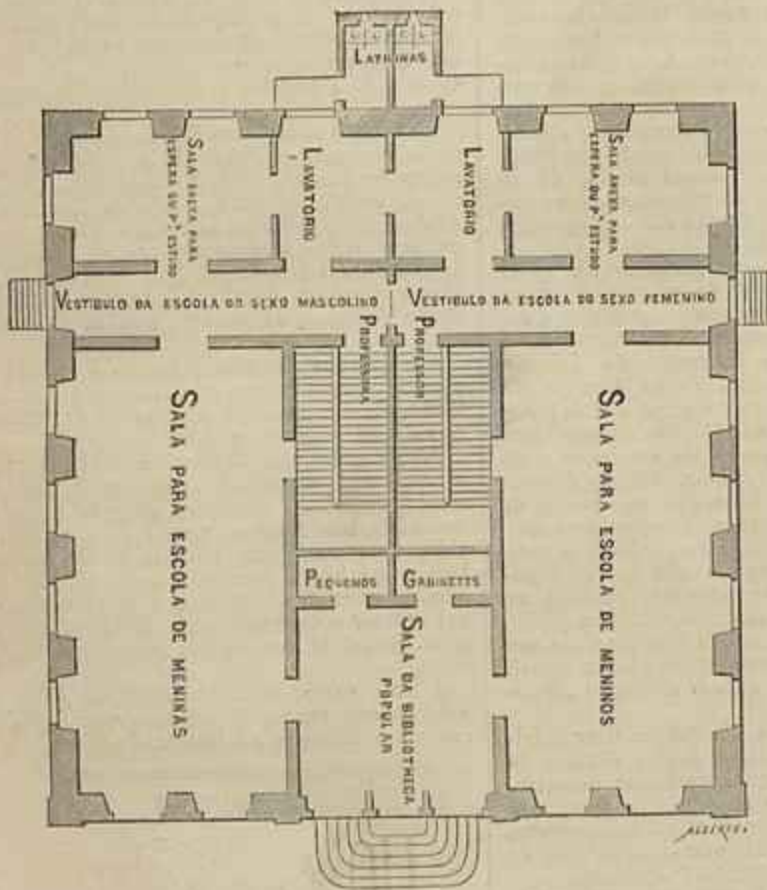
d'Eaux-Bonnes et le Luchon, d'Aix-les-Bains, e le Cousin Basile d'Eça de Queiroz e Bibliographie.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, por Eduardo Freire de Oliveira. Continua a materia começada no fasciculo antecedente, e vão apontados muitos documentos interessantes, sobre costumes, direitos, obrigações e serviços do municipio e outros, transcrevendo-se alguns, posto que nem sempre guardem uma rigorosa ordem chronologica. Este capitulo é um dos mais curiosos d'esta importante resenha.

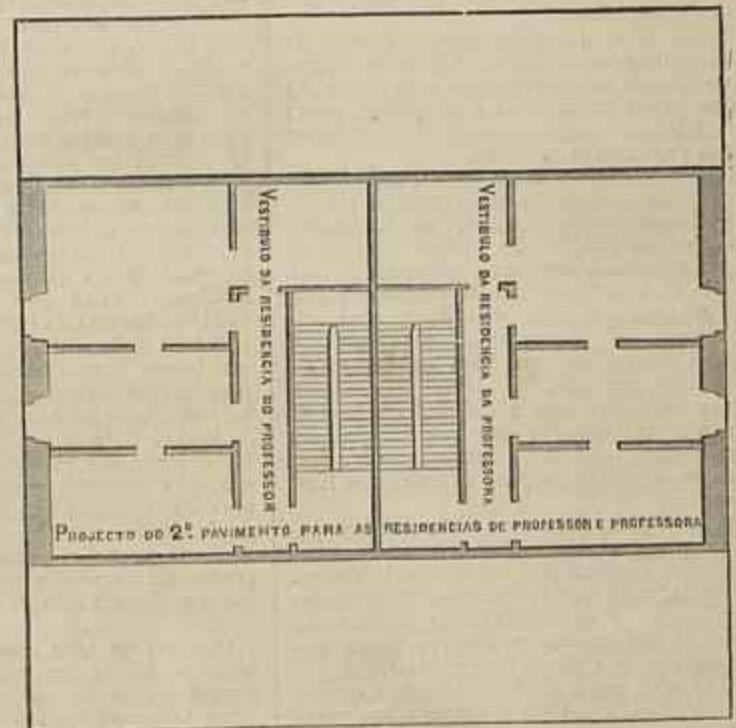
O POSITIVISMO, revista de philosophia, dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos... Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz Editores, 12 largo dos Loyos. E o n.º 6 do 4.º anno relativo a novembro e dezembro de 1882. Encerra: Tradições populares portuguezas, materiaes para a ethnographia de Portugal, mythologia, cantos, usos, costumes, superstições etc., pelo sr. Consiglieri Pedroso; n'esta collecção, já valiosa, apparece hoje um novo mytho, até hoje não suspeitado, o secular das nuvens, que se prende ainda á



ESCOLA DE INSTRUÇÃO PRIMARIA, EM AVINTES



PLANTA DO PRIMEIRO PAVIMENTO



PLANTA DO SEGUNDO PAVIMENTO

preza Horas Romanticas... Administração: 40 rua da Atalaya 52 Lisboa; Filial no Brazil 40, rua da Quitanda, Rio de Janeiro. N.º 60, Natação, n.º 61 Electricidade, texto illustrado com 50 gravuras e adquadro ao ensino dos que frequentam o curso geral dos Lyceus. Ninguém ignora a importancia do primeiro, devendo formar a natação parte do programma d'uma educação bem dirigida; a electricidade é um capitulo da physica cada vez mais importante pelas suas novas e variadas applicações aos usos da vida moderna.

petit fils du cid, nouvelle andaluzza, por Emilia Pardo Bazan; Le terrier d'Ugolin por Armand Durantin; Un journaliste por Grazia Pierantoni Mancini; La catastrophe d'Ischia, carta d'Isabel Roma Rattazzi; Les cercles et casinos, les établissements où l'on joue, de l'Espagne, du Portugal, de la France, de l'Italia, etc. — 1.ª serie: les cercles de Paris por Adolphe Belot; Le chalet, poesia por Stéphen Liégeard; Le huitième péché capital, romance pela sr.ª de Rute; Tony Révillon, silhouette; Le Parlement espagnol, revista politica; Bulletin financier e de l'exterieur: Courier

mythologia dos povos indo-europeus. Formação das lendas christãs pelo sr. Theophilo Braga. Considerações geraes sobre sociologia por Teixeira Bastos; Bibliographia: Etudes de Grammaire Portugaise (Romania, 1.º x e xi) pelo sr. Gonçalves Vianna.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6, RUA DO THEOURO VELHO, 4